

A COMPADECIDA DE SUASSUNA: HUMANA, DIVINA E EMPODERADA(?)

SUASSUNA'S COMPADECIDA: HUMAN, DIVINE AND EMPOWERED(?)

Bruno Vinícius Kutelak DIAS*

<https://orcid.org/0000-0002-7755-8120>

Resumo: A posição da mulher no mundo ocidental é assunto dos mais discutidos até os dias de hoje, principalmente quando esse aspecto é observado sob o prisma da religião, em especial o Cristianismo. A literatura, como reflexo da sociedade, acaba por retratar em suas personagens os diversos papéis adquiridos, ou impostos, ao gênero feminino. No Brasil, entre uma infinidade de obras que giram em torno de tal temática, destacamos o *Auto da Compadecida* (1955), de Ariano Suassuna (1927 - 2014). Nela, o autor se utiliza da fé popular para montar um auto nordestino no qual o feminino sagrado e o profano se cruzam e nos permitem observar como cada um representa distintas características associadas a esse gênero. Neste artigo, nosso objetivo é analisar uma das figuras centrais dessa obra, a Compadecida, com o intuito de explorar sua relação com os demais personagens, especialmente em se tratando de como o feminino é caracterizado no âmbito religioso. Com base nas teorias de Barros (1998), Campbell (1990), Jurkevics (2004), Parker (1996), Tavares (2012), Trevisan (2017), analisaremos a relação de Maria, a Compadecida, com a fé popular, examinando como essa figura feminina alcançou uma posição de tamanho destaque e poder na religiosidade do povo. Entretanto, é possível depreender que, no universo cristão representado por essa peça, mesmo que o feminino, pelo menos sob sua forma sagrada, tenha recebido tal posição dentro do universo religioso, ainda é relegado a uma posição de subalternidade e seu empoderamento depende diretamente do controle masculino/patriarcal que comanda a fé católica.

Palavras-chave: Compadecida; Ariano Suassuna; feminino; empoderamento; religiosidade.

Abstract: The position of women in the western world is one of the most discussed subjects to this day, especially when this aspect is observed through the prism of religion, especially Christianity. Literature, as a reflection of society, ends up portraying in its characters the various roles acquired, or imposed, on the female gender. In Brazil, among a multitude of works that revolve around this theme, we highlight *Auto da Compadecida* (1955), by Ariano Suassuna (1927 – 2014). In it, the author uses popular faith to assemble a northeastern self in which the sacred and profane feminine intersect and allow us to observe how each one represents different characteristics associated with this gender. In this article, our objective is to analyze one of the central figures of this work, Compadecida, in order to explore her relationship with the other characters, especially when it comes to how the feminine is characterized in the religious sphere. Based on the theories of Barros (1998), Campbell (1990), Jurkevics (2004), Parker (1996), Tavares (2012), Trevisan (2017), we will analyze the relationship of Maria, Compadecida, with the popular faith, examining how this female figure reached a position of such prominence and power in the religiosity of the people. However, it is possible to infer that, in the Christian universe represented by this piece, even if the feminine, at least in its sacred form, has received such a position within the religious universe, it is still relegated to a position of subalternity, and its empowerment depends directly on the male/patriarchal control that commands the Catholic faith.

Keywords: Compadecida; Ariano Suassuna; feminine; empowerment; religiosity.

* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Paraná. Professor da Faculdade Educacional da Lapa. Email: brunokutelak@gmail.com.

Ariano Suassuna tem como característica marcante de sua obra a presença da cultura popular nordestina, o folclore e, frequentemente, a religião e a religiosidade do nordestino. Poeta, ficcionista e, principalmente, dramaturgo, um de seus trabalhos mais icônicos é o *Auto da Compadecida*. O autor explora não apenas a temática religiosa, mas também apresenta figuras tradicionais da cultura nordestina e recebe a inspiração de diversos romances populares, como os episódios encontrados na literatura de cordel (TAVARES, 2012). Suassuna utiliza o sertão como palco para representar duas versões do feminino na sociedade. Uma dessas versões é representada pela figura da Compadecida, personagem utilizada por Suassuna para recriar a mãe de Jesus e representar aspectos da fé popular brasileira, já que, seja como Aparecida ou como qualquer outra versão de Nossa Senhora, o culto a Maria é um dos aspectos mais importantes do ritual do catolicismo brasileiro, atraindo devotos que a têm como figura materna e mediadora entre pecadores e Jesus, justamente o aspecto que temos ressaltado em *Auto da Compadecida*.

Em primeiro lugar, é importante destacar que Maria não tem sua fama reconhecida apenas no contexto brasileiro ou português; diversos santuários ao redor do mundo são locais sagrados para peregrinos e fiéis que buscam as graças da Mãe de Jesus. Seu reconhecimento é tamanho que foi considerada pela revista *National Geographic*, em sua edição de dezembro de 2015, como a mulher mais poderosa do mundo. Sua influência chega a ir além do catolicismo, já que é a única mulher a ter um capítulo com seu nome no Alcorão¹, vindo até a ser cultuada como intercessora por partes da comunidade muçulmana. É válido lembrar que, mesmo a Igreja reconhecendo o papel de Maria e sua importância para a fé católica, seu culto não se desenvolveu no meio clerical, mas como reflexo da necessidade popular².

¹ Capítulo 19, *Mariam*.

² A necessidade de adoração do feminino é ainda mais latente ao observar que a história de Maria é pouco explorada no texto sagrado. Ela é mencionada em todos os evangelhos, embora o de Mateus seja o que mais a descreva, por abordar desde antes da concepção de Jesus até após a crucificação. Mesmo assim, a quantidade de informações sobre ela é ínfima, principalmente em comparação com o que se tem sobre Jesus.

Pelo pouco conhecimento, Maria foi alçada ao patamar divino pelo povo, que a moldou muitas vezes a partir de características das divindades cultuadas anteriormente, sendo necessário o reforço de sua condição humana para que não fosse confundida com uma deusa. A Igreja, para manter sua liderança perante os ritos pagãos dos recém-convertidos, adotou Maria como sua mediadora entre os humanos e o Pai Supremo, rogando pelos pecadores perante Deus para que possam obter a graça divina. Sua aceitação oficial deu-se no ano de 431 d.C., com a proclamação, no Concílio de Éfeso, de que ela seria Mãe de Deus, enquanto o povo a saudava como Deusa (CAMPBELL, 1991).

O ressurgimento do feminino no universo sagrado teve tamanha importância para os fiéis que, até hoje, Maria ocupa posição de destaque no restrito panteão cristão. Datas importantes para os antigos pagãos devotos das deusas foram transformadas em festas marianas: Imbolc, festa da purificação da deusa Brigit,

A Igreja, como forma de manutenção do controle, aceita que a mãe de Jesus seja colocada em patamares sagrados junto de seu filho (BARROS, 1998, p. 156). Sua posição, entretanto, continua sendo inferior a ele, já que, sozinha, não teria poderes para a salvação dos fiéis, mas apenas constituir-se-ia como mediadora em nome deles. Mesmo assim, chama-nos a atenção o fato de que, para os primeiros cristãos, o dogma de que Maria era apenas a mãe do filho de Deus não era aceito; para eles, ela era *Theotókos*, mãe de Deus³. Considerá-la mãe de Deus relaciona-a diretamente com a Deusa Mãe, já que foi ela quem deu à luz o Deus das civilizações tradicionais, o que foge à tradição criacionista cristã, na qual a vida é originada do Deus homem. Há quase uma inversão de hierarquias, se pensarmos no papel de cada um dentro dessa organização divina, no entanto, tanto o Deus Pai quanto seu Filho permanecem superiores, condição sempre reforçada pela Igreja⁴. Contudo, não é possível conter o desejo popular, e Maria vem a se tornar não apenas mãe de Deus, mas também mãe de toda a humanidade, reconhecida pela Igreja na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, por exemplo:

Esta maternidade de Maria na economia da graça perdura sem interrupção,

passou a ser associada à Candelária; celebrações de Hécate e Diana se tornaram a Assunção (BARROS, 1998).

³ Essa definição pode ser vista em: “Podemos dizer que a primeira grande difusão da devoção à Virgem Maria ocorreu por ocasião do Terceiro Concílio Ecumênico do Cristianismo, que se realizou numa cidade na costa oriental da Turquia atual, às margens do Mar Egeu. O Concílio foi convocado pelo Imperador Teodósio II, o qual receava que seus súditos se dividissem em facções: uma pró Nestório, Patriarca de Constantinopla, a outra, contrária a este. Nestório afirmava que Cristo possuía dupla personalidade: uma pessoa divina, e uma pessoa humana. Maria seria mãe unicamente do homem Jesus. A isso opôs-se Cirilo, Patriarca de Alexandria, apoiado pelo Papa Celestino I. Na primavera do ano 431, os Bispos, reunidos em Concílio Ecumênico em Éfeso (hoje Küçüc Menderes, na Turquia), rejeitaram a afirmação de Nestório, proclamando que havia em Cristo somente uma Pessoa, a do Filho Unigênito de Deus, porém *duas naturezas*, uma divina e outra humana. Dado que as ações, realizadas por alguém, são atribuídas à pessoa, e não à natureza, Maria era, verdadeiramente, não só geradora de um corpo, mas Mãe concreta de uma Pessoa, a do Verbo Eterno feito Homem, consubstancial ao Pai e ao Espírito Santo. Radiantes com tal decisão, os fiéis de Éfeso – justamente na cidade da grande deusa Diana – levaram Cirilo e os demais Bispos em triunfo pelas ruas da cidade, clamando, também durante horas, ‘*Louvada seja a Theotókos*’, isto é, ‘*Louvada seja a Mãe de Deus*’. A partir de tal data, a devoção à Virgem expandiu-se por toda a Igreja. Surgiram templos dedicados a ela em todas as grandes cidades do mundo oriental e ocidental.” (TREVISAN, 2017, p. 88, grifo do autor)

⁴ A Igreja Católica prega que “nosso mediador é só um, segundo a palavra do Apóstolo: ‘não há senão um Deus e um mediador entre Deus e os homens, o homem Jesus Cristo, que Se entregou a Si mesmo para redenção de todos’ (1 Tim. 2, 5-6). Mas a função maternal de Maria em relação aos homens de modo algum ofusca ou diminui esta única mediação de Cristo; manifesta antes a sua eficácia. Com efeito, todo o influxo salvador da Virgem Santíssima sobre os homens se deve ao beneplácito divino e não a qualquer necessidade; deriva da abundância dos méritos de Cristo, funda-se na Sua mediação e dela depende inteiramente, haurindo aí toda a sua eficácia; de modo nenhum impede a união imediata dos fiéis com Cristo, antes a favorece” (*Lumen Gentium*, 60). Mesmo que Maria seja reconhecida como mediadora, sua função é apenas destinada a favorecer a união entre os fiéis e seu filho, para que ele, então, seja o mediador entre eles e Deus.

desde o consentimento, que fielmente deu na anunciação e que manteve inabalável junto à cruz, até à consumação eterna de todos os eleitos. De facto, depois de elevada ao céu, não abandonou esta missão salvadora, mas, com a sua multiforme intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna. Cuida, com amor materno, dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, caminham ainda na terra, até chegarem à pátria bem-aventurada. Por isso, a Virgem é invocada na Igreja com os títulos de advogada, auxiliadora, socorro, medianeira. Mas isto entende-se de maneira que nada tire nem acrescente à dignidade e eficácia do único mediador, que é Cristo. (*Lumen Gentium*, 62).

Maria, que em um primeiro momento não recebia destaque na doutrina cristã, passa a atuar ativamente em nome de seus filhos terrenos, após ter sido assunta aos Céus. Percebemos, na citação anterior, a colocação da humanidade na posição de irmã de Jesus, vindo, assim, a ser filha de Maria. Embora Cristo seja considerado pela Igreja como o único mediador, é Maria quem acolhe os fiéis com o amor materno e seu culto permite a catarse das emoções acumuladas pela experiência mística popular (PARKER, 1996, p. 152 – 153). A falta da mãe é suprida no culto popular.

É relevante reforçar a importância de tal aspecto no culto mariano não só por sua influência no destino de João Grilo e das demais almas em julgamento na peça de Suassuna, mas também devido ao apelo que esse aspecto tem no catolicismo brasileiro, sistema religioso que se desenvolve desde a colonização com base em moldes também populares trazidos de Portugal. Em uma terra tão vasta e diferenciada, considerando tanto a amplitude territorial quanto os povos que vieram para habitá-la, é visível a incapacidade de unificar a religiosidade em torno de apenas um culto prescrito pela instituição religiosa, já que faltavam clérigos e muitos deles se rendiam à aristocracia rural, prevalecendo “um catolicismo marcadamente doméstico, mas igualmente social, que abrangia o chefe familiar, seus agregados e escravos” (JURKEVICS, 2004, p. 27). O que se tinha como padrão era um aspecto festivo visto “nos exercícios de piedade individual e de comunicação com Deus, quase sempre **intermediada por divindades**, além da valorização dos aspectos visíveis da fé” (JURKEVICS, 2004, p. 26, grifo nosso), como nas procissões, romarias, novenas, além da devoção aos santos padroeiros. Cada um desses aspectos variava de acordo com a região e com as famílias donas das terras daquela localidade, fazendo a multiplicidade de devoções um forte elemento dessa religiosidade colonial, como vemos a seguir:

Cada devoto montava seu próprio panteão, nos oratórios domésticos ou quarto dos santos, começando com o Nosso Senhor e a Virgem Maria, com suas várias invocações e complementados depois com seu anjo da guarda, além de seus santos protetores. Nesse sentido, vários estudos apontam que nas casas-grandes

prevalecia o culto à Nossa Senhora da Conceição, enquanto nas senzalas a maior devoção cabia à Nossa Senhora do Rosário. Atribuía-se à Santana o cuidado com os pequenos, enquanto Nossa Senhora do Bom Parto, também chamada de Nossa Senhora do Ó, recebia especial devoção das mulheres grávidas. (JURKEVICS, 2004, p. 33).

Pela citação, o que percebemos é que, ao considerarmos o contexto brasileiro, estão presentes tanto uma grande diversidade de devoções particulares, que acabavam por moldar o rito pessoal e doméstico, quanto presença marcante de Maria ao lado de seu filho e sob diferentes formas. É interessante observar que essas duas versões da mãe de Jesus reforçam o sincretismo de culturas e crenças, mostrando que a multiplicidade de credos ia além do catolicismo oficial que seria praticado pelos colonizadores, e reforçam, também, os aspectos da veneração da figura da mãe, como nas representações de Nossa Senhora da Conceição, do Bom Parto e na mãe de Maria, Santa Ana, que também tem associada a ela a imagem da maternidade e de avó.

A devoção mariana nasce em meio ao povo, como visto previamente, suprimindo uma exigência cultural e afetiva pela figura materna que havia deixado o panteão divino com a ascensão de Iaweh e, posteriormente, de seu filho. E, mesmo que a Igreja tenha assumido Maria como parte do rito, percebemos que, aparentemente, é a religiosidade popular que mais impulsiona seu culto, como no caso brasileiro. Essa devoção à Mãe de Deus é trazida ao Brasil pelos colonizadores e é enraizada na fé da população, seja nas esferas mais altas ou naquelas que nem ao menos eram consideradas como parte da sociedade. As imagens de Nossa Senhora da Conceição nos altares das casas, por exemplo, não advinham de uma tradição imposta pelo clero, mas, sim, por Dom João IV, que decretou a presença da santa em todas as colônias portuguesas, após sua proclamação como padroeira de Portugal em 1646.

Foi uma dessas imagens que, pouco mais de meio século depois, tornou-se a peça central de, talvez, a maior expressão de fé brasileira, a devoção a Nossa Senhora Aparecida. Diferentemente de outros locais que teriam presenciado aparições e, a partir de então, tornaram-se locais de peregrinação de fiéis do mundo inteiro, como em Fátima, Lourdes e Guadalupe, o culto mariano no Brasil se destaca, justamente, por não se basear em uma aparição miraculosa *in persona* da mãe de Deus, mas de um milagre atribuído a ela como auxiliadora.

De acordo com os registros históricos⁵, em 17 de outubro de 1717, três pescadores,

⁵ Disponível em: <https://www.a12.com/santuاريو/historia-de-nossa-senhora-aparecida-1717>. Acesso em 20 de agosto de 2022.

João Alves, Felipe Pedroso e Domingos Garcia, tinham sido encarregados de conseguir peixes para um banquete que seria oferecido ao então governador da Província de São Paulo e Minas Gerais, Conde de Assumar, Dom Pedro de Almeida e Portugal, que estaria na região de Guaratinguetá. Sem sucesso na pesca e depois de várias tentativas, acabam recolhendo nas redes uma imagem de Nossa Senhora da Conceição que, no entanto, não tinha a cabeça. Em seguida, mais abaixo do rio Paraíba do Sul, teriam pescado a peça faltante. Com a imagem no barco, presenciam o milagre com a abundância de peixes que apareciam em suas redes. Antes de entregarem a pesca, Domingos deixou a estátua com sua esposa, Silvana da Rocha Alves, que a consertou e a dispôs em um altar na casa da família. Por quinze anos, a imagem peregrinou por diversas regiões da província, até que em 1732 foi construído seu primeiro oratório aberto ao público, em Porto Iguaçu. A construção da primeira igreja foi aprovada apenas em 1743, devido à grande expansão do número de fiéis e dos relatos de milagres atribuídos a Nossa Senhora da Conceição, “Aparecida” das águas.

Seu culto atraía cada vez mais seguidores, e até mesmo a família real brasileira fez parte deles. Dom Pedro I, como agradecimento por resolver favoravelmente os problemas políticos da então colônia, consagra o país a Nossa Senhora Aparecida. Dom Pedro II e a Imperatriz Teresa Cristina visitaram a capela para rezar. Também, a Princesa Isabel, como forma de manifestar sua devoção, doa à imagem, em 1888, um manto ornado com 21 brilhantes, representando as províncias e a capital. Cerca de 20 anos depois, Isabel, como forma de agradecimento por uma graça concedida, seus três filhos, oferece a coroa de ouro cravejada de brilhantes que seria usada na coroação da imagem, por ordem do Papa Pio X, já em 1904. No ano de 1930, Nossa Senhora Aparecida é proclamada padroeira do Brasil, com mais de um milhão de fiéis presentes na celebração.

Ariano Suassuna retrata em sua peça essa figura tão presente na fé popular brasileira. Maria, na obra, é também a auxiliadora que vem em socorro de seus fiéis, além de se identificar com eles. Como pobre, ela se assemelha ao povo da fictícia Taperoá. Como mulher, sabe dos sofrimentos da Mulher do Padeiro e se compadece de sua situação. O *Auto da Compadecida* nos mostra uma diferente face do feminino e do sagrado, por meio de personagens que se destacam também por sua semelhança com as demais peças analisadas, no que se refere aos padrões esperados delas, mas, principalmente, pelo distanciamento no que diz respeito a sua presença e papel na sociedade criada por Suassuna. Considerando a personagem do *Auto da Compadecida*, mesmo ainda tendo o elemento sagrado intrínseco a ela, continua sendo humana e

próxima daqueles que serão socorridos, além da afetividade maternal, especialmente quando vemos seus diálogos com Manuel⁶, a serem explorados posteriormente.

Se Ariano Suassuna se utiliza da tradição popular como fonte de inspiração para suas obras, seria improvável que Nossa Senhora fosse retratada de forma diferente, já que não apenas as suas representações maternas estão presentes nos oratórios brasileiros desde a colonização, mas também sua reputação de auxiliadora é reforçada com os milagres concedidos desde o aparecimento da imagem no rio Paraíba do Sul. A santidade e o modelo a serem seguidos ainda existem no imaginário popular quando levamos em conta a importância de Maria para a crença católica; contudo, a fé brasileira é capaz de moldá-la de forma mais humana (JURKEVICS, 2004, p. 141). Tal qual a Deusa Mãe⁷ era vista como próxima de sua criação, fazendo parte tanto da natureza quanto da humanidade (WHITMONT, 1991), Nossa Senhora é um retorno à devoção do feminino que, diferentemente das figuras masculinas sagradas, não está distante dos fiéis, ideia que é reforçada na peça brasileira.

Embora participe efetivamente da peça apenas no último ato, a figura da Compadecida e sua importância já são vistas desde antes do início, por meio da apresentação do enredo e dos atores pelo Palhaço, personagem que, no auto de Suassuna, realiza a introdução do espetáculo e as mudanças de atos. Em sua fala, Nossa Senhora desponta como a grande salvadora, e, por meio dela, a misericórdia triunfaria:

PALHAÇO, *grande voz* Auto da Compadecida! O julgamento de alguns canalhas, entre os quais um sacristão, um padre e um bispo, para exercício da moralidade. *Toque de clarim.*

PALHAÇO A intervenção de Nossa Senhora no momento propício, para triunfo da misericórdia. Auto da Compadecida!
Toque de clarim (SUASSUNA, 2012, p. 18).

Essa passagem, embora não faça parte do enredo propriamente dito, já nos permite analisar como a figura de Maria será vista na peça. Se considerarmos apenas esse trecho, há um aparente destaque para o poder mariano, ao intervir no julgamento dos finados, sendo por meio de Nossa Senhora que se encontra a compaixão divina, aspecto fortemente presente na cultura religiosa popular brasileira, como já discutido previamente. Outro

⁶ Nessa versão de Suassuna, Jesus é chamado de Manuel, variante de Emanuel, como é denominado no Evangelho de Mateus (1:23), com significado de “Deus conosco”.

⁷ Figura divina adorada em épocas pré-históricas por sociedades agrícolas da atual Europa. A Grande Deusa, ou Deusa Mãe, representava a natureza e tudo o que havia nela, inclusive os aspectos negativos, e todos faziam parte dela (WHITMONT, 1991).

ponto interessante a ser levado em consideração nesse trecho é como o Palhaço descreve os demais personagens, inclusive a Mulher, ainda que ela não tenha sido mencionada na fala. Há um distanciamento entre os pecados de todos, que necessitam ser julgados para o exercício da moralidade, e a Compadecida, que, como explorado anteriormente, seria isenta deles, fato que a tornou digna de conceber o Salvador e poder interceder, junto de seu filho, em defesa de alguns canalhas.

A separação entre Maria e os demais, tanto no âmbito hierárquico quanto no moral, é importante para que tenhamos em mente que, mesmo havendo grande proximidade entre a Compadecida e os demais personagens, sua posição divina não permite que ela seja considerada como igual àqueles que clamam por sua ajuda. Essa característica ainda é reforçada em outro trecho da apresentação dos atores, quando a atriz que fará esse ilustre papel declara ao público: “A COMPADECIDA A mulher que vai desempenhar o papel desta excelsa Senhora, declara-se indigna de tão alto mister” (SUASSUNA, 2012, p. 17). Essa fala nos mostra a completa dissociação da personagem de sua representante no teatro.

Suassuna reitera, por meio dessa pequena fala, tanto a grandeza de Nossa Senhora quanto a importância do culto mariano na fé popular brasileira, já que ela rouba a cena até mesmo de seu filho, principalmente por não haver uma declaração semelhante a ser dita pelo ator que representará Manuel. Mesmo que, para a Igreja, Maria tenha um papel secundário e apenas de intercessora entre os fiéis e Jesus, sendo que sua eficácia depende diretamente do poder do Filho⁸, talvez, para o povo, ela tenha adquirido, assim como em Éfeso, posições superiores, como que análoga à do Cristo.

Mesmo que, para a ortodoxia católica, Jesus seja o único a realmente intervir por aqueles que recorrem à sua graça, é Maria quem muitas vezes assume essa posição na fé

⁸ A Igreja Católica reconhece o aspecto maternal e intercessor de Maria; no entanto, lembra que ela depende de Cristo, sendo incapaz de realizar nada sozinha, tampouco se equiparar a ele: “«Esta maternidade de Maria na economia da graça perdura sem interrupção, desde o consentimento, que fielmente deu na anunciação e que manteve inabalável junto da Cruz, até à consumação perpétua de todos os eleitos. De facto, depois de elevada ao céu, não abandonou esta missão salvadora, mas, com a sua multiforme intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna [...]. Por isso, a Virgem é invocada na Igreja com os títulos de advogada, auxiliadora, socorro e medianeira».

«Mas a função maternal de Maria para com os homens, de modo algum ofusca ou diminui a mediação única de Cristo, mas antes manifesta a sua eficácia. Com efeito, todo o influxo salutar da Virgem santíssima [...] deriva da abundância dos méritos de Cristo, funda-se na sua mediação e dela depende inteiramente, haurindo aí toda a sua eficácia». «Efectivamente, nenhuma criatura pode ser equiparada ao Verbo Encarnado e Redentor; mas, assim como o sacerdócio de Cristo é participado de diversos modos pelos ministros e pelo povo fiel, e assim como a bondade de Deus, sendo uma só, se difunde variamente pelos seres criados, assim também a mediação única do Redentor não exclui, antes suscita nas criaturas, uma cooperação variada, que participa dessa fonte única». (CIC, Segunda Parte, Capítulo 3)

popular. Suassuna nos mostra que é por ela que seus personagens chamam em momentos de necessidade, como quando Severino invade a cidade, “PADRE Ave-Maria! Valha-me Nossa Senhora!”, ou quando João Grilo foi baleado, “CHICÓ Ai, minha Nossa Senhora, será que você vai morrer, João” (SUASSUNA, 2012. p. 97). Ainda que não tenha a mesma intenção religiosa, tais clamores se tornaram popularmente uma das interjeições mais comuns na língua portuguesa, salientando sua influência na cultura brasileira. Podemos questionar a qual das categorias essas frases se encaixam na peça; entretanto, no auto nordestino, tais trechos deixam de ser apenas de uma expressão, ao considerarmos o desenrolar do enredo após a morte dos personagens, já que é a Compadecida quem melhor irá auxiliá-los nesse momento, mesmo com a presença de Manuel. É importante destacarmos a diferenciação que ocorre entre as duas figuras divinas presentes na peça, a Compadecida e seu filho, especialmente se considerarmos os apelos dos recém-falecidos, como vemos na citação a seguir:

JOÃO GRILO Ah e você pensa que eu me entreguei? Pode ser que eu vá, mas não é assim não!

BISPO Mas é caso sem jeito, João. Ai meu Deus!

PADRE Ai meu Deus!

SACRISTÃO Ai meu Deus!

JOÃO GRILO *para Manuel* Olhe a besteira deles: Deus aqui e eles gritando por Deus!

MANUEL E por quem eles iriam gritar?

JOÃO GRILO Por alguém que está mais perto de nós, por gente que é gente mesmo.

MANUEL E eu não sou gente, João? Sou homem, judeu, nascido em Belém, criado em Nazaré, fui ajudante de carpinteiro... Tudo isso vale alguma coisa.

JOÃO GRILO O senhor quer saber de uma coisa? Eu vou lhe ser franco: o senhor é gente, mas não muito não. É gente e ao mesmo tempo é Deus, é uma misturada muito grande. Meu negócio é com outro.

BISPO Agora a gente está desgraçado de vez. João, isso é coisa que se diga?

MANUEL Mas o que foi que João disse demais? Tudo isso é verdade, porque eu sou homem e sou Deus! (SUASSUNA, 2012, p. 119).

Quando os demais já haviam perdido a esperança de serem salvos do Inferno, João Grilo ainda tenta lutar contra a condenação. Em meio aos “Ai meu Deus” dos outros personagens, ele ironiza a atitude dos demais ao conversar com Manuel, já que estariam clamando pela ajuda de Deus quando o próprio Manuel estaria presente no local. Para João, seria mais eficaz gritar por alguém mais próximo a eles, que fosse “gente mesmo”. Essa citação nos mostra o distanciamento presente não só entre a figura sagrada de Jesus, mas de Deus, uma vez que o Cristo é tanto homem quanto Deus. Tal aspecto faz com que Manuel seja visto como diferente daqueles que estavam sendo julgados e talvez não fosse capaz de intervir por eles da mesma forma com que outra pessoa “mais humana” pudesse

fazer⁹.

As religiões patriarcais veem seus criadores como alheios ao mundo terreno. Justamente por serem divinos, não poderiam figurar como análogos ao profano. A própria figura de Jesus já fora dividida em duas, homem e Deus, o que servia para justificar que Maria fosse apenas mãe de sua parte humana, como já observado. Essa conceituação é importante ao analisarmos como a figura de Maria, ainda não mencionada como o trunfo de João Grilo contra o Encourado, recebe destaque na cena. Antes mesmo de sua aparição, percebemos a exaltação de sua imagem pelo personagem quando a descreve, como vemos na citação a seguir:

MANUEL Com quem você vai se pegar, João? Com algum santo?
 JOÃO GRILO O senhor não repare não, mas de besta eu só tenho a cara. Meu trunfo é maior do que qualquer santo.
 MANUEL Quem é?
 JOÃO GRILO A mãe da justiça.
 ENCOURADO, *rindo* Ah, a mãe da justiça! Quem é essa?
 MANUEL Não ria, porque ela existe.
 BISPO E quem é?
 MANUEL A misericórdia (SUASSUNA, 2012, p. 121-122).

Enquanto eram acusados pelo Encourado na presença de Manuel, os personagens não viam esperança de salvação, já que não parecia haver sinal de piedade ou compaixão por parte do Filho de Deus frente às denúncias dos pecados cometidos por todos. João Grilo, por sua vez, apela para alguém que seria maior que qualquer santo. Além disso, a denomina como “mãe da justiça” e Manuel a reconhece como “a misericórdia”. Ambos os termos são interessantes para nossa análise, pois retomam ideias a princípio associadas apenas a Deus, como vemos no texto bíblico em diversas passagens: “Ele mesmo julga o mundo com justiça; governa os povos com retidão” (Sl 9:8), “O Senhor é misericordioso

⁹ A cena faz lembrar também a transformação pela qual passou a figura demoníaca a partir do século XIX; embora ainda seja visto como bode expiatório e causador do mal, o Diabo deixa de ser concebido apenas como o anjo caído ou entidade poderosa a ser temida e passa a ser aproximado da humanidade. Consoante Nery (2011), “[...] o diabo emerge como o representante dos ideais que então se buscavam. Era a liberdade do homem; o poder daqueles desprovidos das forças divinas; o revolucionário; o crítico do sistema e da hipocrisia da burguesia, enfim, o contestador daquilo que sempre foi tido como inquestionável e convencional. Ao mesmo tempo, representou o sentimento decadente da sociedade e a insatisfação humana com os desígnios de Deus. O diabo passou a ser entendido através de uma estrutura ideológica mais flexível, diferente da ortodoxia dogmática católica e das características horripilantes remetidas a ele. Tornou-se oposição primaz à moral dominante, símbolo primeiro da rebeldia, perdendo assim seu caráter ameaçador, punitivo e aterradorante, apresentando-se como modelo de inconformismos e das saídas possíveis frente a um poder instituído” (p. 93). Suassuna, em sua peça, retoma o conceito do Demônio punitivo, enquanto a Compadecida assume a posição de proximidade dos humanos, mantendo valores que remontam aos dogmas judaico-cristãos tradicionais de separação entre seres divinos e o mundo profano, além do reforço do lado mau de Satanás.

e justo; o nosso Deus é compassivo” (Sl 116:5), e “Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, Estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo” (Efésios 2:4,5).

Há duas faces do sagrado na obra de Suassuna, quando consideramos Maria e Deus, representado no julgamento sob a figura de Jesus Cristo¹⁰. Enquanto a Bíblia e a tradição cristã, pelo menos na visão do Novo Testamento, pregam uma versão do Senhor como misericordioso, ainda encontramos a justiça como uma barreira para que a misericórdia prevaleça. Essa contradição ainda é reforçada em outro trecho da peça¹¹, quando João Grilo deseja apelar para a misericórdia, e é desencorajado pelo padre, o qual propõe que, segundo o que estudara, Justiça e Misericórdia dariam mesma resposta ao caso deles, já que, para Deus, não haveria discordância entre elas, o que nos leva a questionar se haveria, realmente, a misericórdia nesse caso. No auto, Manuel é a figura responsável por ser justo com os que estão sendo julgados; a condenação de todos parece iminente, pois o Encourado¹² teria argumentos suficientes para isso. No entanto, a Compadecida surge como aquela capaz de compaixão e real misericórdia, além de ser nomeada “mãe da justiça”, talvez pelo fato de que é a única a propiciar uma defesa eficaz para os personagens¹³.

Isso nos aponta, também, para a importância da mãe de Cristo na fé popular nordestina. Sua figura adquire dimensões maiores do que os dogmas da Igreja pregam para ela. Tanto é que, em cena, após ser invocada por João Grilo, sua aparição é orientada a ocorrer tal qual Manuel: “Cena igual à da aparição de Nosso Senhor, e Nossa Senhora,

¹⁰ Pela fé cristã, Deus, o Espírito Santo e Jesus formam a Santíssima Trindade, ou seja, mesmo distintos, são inseparáveis, além do Filho ser a representação carnal do Deus invisível, como menciona o Catecismo da Igreja Católica: “Aquele que o Pai enviou aos nossos corações, o Espírito do seu Filho (7), é realmente Deus. Consubstancial ao Pai e ao Filho, é d'Eles inseparável, tanto na vida íntima da Trindade como no seu dom de amor pelo mundo. Mas ao adorar a Santíssima Trindade, vivificante, consubstancial e indivisível, a fé da Igreja professa também a distinção das Pessoas. Quando o Pai envia o seu Verbo, envia sempre o seu Espírito: missão conjunta na qual o Filho e o Espírito Santo são distintos, mas inseparáveis. Sem dúvida, é Cristo quem aparece, Ele que é a Imagem visível de Deus invisível; mas é o Espírito Santo quem O revela.” (CIC, Primeira Parte, Parágrafo 689)

¹¹Essa contradição entre justiça e misericórdia ainda é reforçada no seguinte trecho da peça: “ENCOURADO [...] Apelo para a justiça. / JOÃO GRILO E eu para a misericórdia. / PADRE Acho que nosso caso é sem jeito, João. Uma vez estudei uma lição sobre isso e sei que em Deus não existe contradição entre a justiça e a misericórdia. Já fomos julgados pela justiça, a misericórdia dirá a mesma coisa. / JOÃO GRILO E quem foi que disse que nós já fomos julgados pela justiça? / PADRE Você mesmo ouviu Nosso Senhor dizer que a situação era difícil.” (SUASSUNA, 2012, p. 120-121).

¹² Personagem que representa Satanás.

¹³ Quando Jesus Cristo é invocado pelos clérigos para socorrer a todos do Encourado, e Manuel aparece para que todos sejam julgados, não há menção de defesa ou de salvamento imediato: “ENCOURADO, *de costas, grande grito, com o braço ocultando os olhos* Quem é? É Manuel? / MANUEL Sim, é Manuel, o Leão de Judá, o Filho de Davi. Levantem-se todos, pois vão ser julgados.” (SUASSUNA, 2012, p. 106-107)

A Compadecida, entra” (SUASSUNA, 2012, p. 123). Claramente há uma valorização da imagem mariana no texto de Suassuna, desde o reconhecimento de que a atriz que representaria a personagem não seria digna de tal papel até sua manifestação no enredo.

Mesmo que Maria tenha recebido da Igreja todas as atribuições dadas à personagem santa de Natália Correia, Suassuna retrata outro lado da devoção brasileira, justamente a sua aproximação com universo profano, já que também era parte dele em vida. Essa aproximação e semelhança já se tornam evidentes na forma que João Grilo escolhe para chamá-la, como vemos na citação a seguir:

SEVERINO [...] Onde mora? E como chamá-la?
 JOÃO GRILO Ah isso é comigo. Vou fazer um chamado especial, em verso. Garanto que ela vem, querem ver? *Recitando*.
 Valha-me Nossa Senhora, Mãe de Deus de Nazaré! / A vaca mansa dá leite, / A braba dá quando quer. / A mansa dá sossegada, / A braba levanta o pé. / Já fui barco, fui navio, / Mas hoje sou escaler. / Já fui menino, fui homem, / Só me falta ser mulher.
 ENCOURADO Vá vendo a falta de respeito, viu?
 JOÃO GRILO Falta de respeito nada, rapaz! Isso é o versinho de Canário Pardo que minha mãe cantava para eu dormir. Isso tem nada de falta de respeito!
 Já fui barco, fui navio, / Mas hoje sou escaler. Já fui menino, fui homem, / Só me falta ser mulher. / Valha-me Nossa Senhora, Mãe de Deus de Nazaré. (SUASSUNA, 2012, p. 122-123).

Ao ser questionado sobre como chamar a essa que denominaram “a misericórdia” e a “mãe da justiça”, João Grilo garante que pode invocá-la com um chamado especial em verso e recita, então, esse poema popular que sua mãe cantava para que dormisse quando criança. O que mais chama a atenção nesse trecho é o uso de um versinho popular no lugar de uma oração oficial, como a própria “Ave Maria”. Se compararmos ambos, podemos observar a completa oposição no tom de cada um. Enquanto a oração¹⁴ enaltece

¹⁴ A oração “Ave Maria”, “que na época medieval era conhecida como ‘Saudação angélica’, é o resultado de um longo processo. É uma oração composta de duas partes: uma de louvor e a outra de súplica. A sua primeira parte é tirada do Evangelho de São Lucas: consiste na saudação do Anjo Gabriel a Maria: ‘Alegrate, cheia de graça, o Senhor está contigo!’ (Lc 1,28b), e na saudação de Isabel: ‘Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto de teu ventre!’ (Lc 1,42b). Inicialmente, esta união entre as duas saudações era encontrada somente na liturgia, e só mais tarde tornou-se uma oração popular. O seu uso como fórmula de oração começou nos mosteiros, em torno do ano 1000 e foi, aos poucos, se difundindo, tornando-se universal após o século XIII. O texto, porém, compreendia somente a primeira parte, sem o nome de Jesus. [...] Foi somente no século XV que se acrescentou a segunda parte da Ave Maria: ‘Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores agora e na hora de nossa morte. Amém.’ E foi nesta época também que se acrescentou o nome ‘Jesus’ no final da primeira parte. Esta segunda parte é de origem popular-eclesial e também foi surgindo aos poucos. [...] A fórmula atual da Ave Maria, que se difundiu lentamente, foi divulgada no breviário publicado em 1568, por ordem do papa Pio V”. Disponível em: <https://www.a12.com/academia/artigos/como-surgiu-a-oracao-da-ave-maria>. Acesso em 04 de agosto de 2022.

Maria como bendita entre as mulheres e sua proximidade com o sagrado, o poema recitado, por sua vez, exalta aspectos mundanos em suas rimas. O que aproxima os dois é a saudação a Nossa Senhora como mãe de Deus. Mesmo assim, ainda há uma aparente diferença entre a forma com que cada um aborda esse aspecto de Maria. Enquanto a oração oficial a classifica apenas como “mãe de Deus”, os versos declamados por João Grilo aproximam também Manuel do mundo profano quando o denomina “Deus de Nazaré”.

Como já discutido, a influência do povo foi decisiva para o reconhecimento de Maria no culto oficial católico, o qual carecia de uma figura materna junto do Pai e do Filho. O que presenciamos na peça de Suassuna é o clamor por uma versão também popular de Nossa Senhora. Enquanto os dogmas pregam e valorizam a integridade e pureza quase utópicas, o popular aceita que, mesmo alguém considerado digno de adoração, seja associado ao mundo profano. Maria carrega consigo seu lado humano para seus devotos e se assemelha a eles, tanto que, na peça, atende prontamente ao chamado de João Grilo.

Essa manifestação popular é reforçada quando o próprio Encourado diz que, ao utilizar aquela rima na invocação de Nossa Senhora, João Grilo estaria faltando com respeito. O nordestino, por sua vez, afirma que não há falta de respeito por se tratar de um poema recitado por sua mãe quando ele era criança. Essa passagem evoca tanto a naturalidade com que Maria se aproximava de seus devotos quanto a tradição que se estende desde tempos anteriores. No auto, ela mesma assume essa proximidade quando aceita feliz a oração de João:

ENCOURADO, *com raiva surda* Lá vem a compadecida! Mulher em tudo se mete!

JOÃO GRILO Falta de respeito foi isso agora, viu? A senhora se zangou com o verso que eu recitei?

A COMPADECIDA Não, João, por que eu iria me zangar? Aquele é o versinho que Canário Pardo escreveu para mim e que eu agradeço. Não deixa de ser uma oração, uma invocação. Tem umas graças, mas isso até a torna alegre e foi coisa de que eu sempre gostei. Quem gosta de tristeza é o diabo.

JOÃO GRILO É porque esse camarada aí, tudo o que se diz ele enrasca a gente, dizendo que é falta de respeito.

A COMPADECIDA É máscara dele, João. Como todo fariseu, o diabo é muito apegado às formas exteriores. É um fariseu consumado.

ENCOURADO Protesto.

MANUEL Eu já sei que você protesta, mas não tenho o que fazer, meu velho. Discordar de minha mãe é que não vou. (SUASSUNA, 2012, p. 123-124).

Ao ser questionada sobre ter se zangado com os versinhos utilizados para chamá-

la, a Compadecida assume que não haveria motivos para isso, já que o poema foi feito em sua homenagem, o que reforça a proximidade, a aceitação e a validação da forma simples, natural e nada ortodoxa de se invocar o sobrenatural. Ademais, aprecia as “graças” do poema, já que gosta de coisas alegres, ao contrário do Encourado que, por sua vez, teria o comportamento de um fariseu¹⁵, apegado às formas exteriores. Tendo em vista a imagem do fariseu como aquele que pregava a tradição conservadora, os versos declamados pelo personagem seriam ofensivos.

Além disso, há uma fala importante de Manuel a respeito de sua mãe no final da citação. Ao ser chamado de “fariseu consumado”, o Encourado protesta em desaprovação. Com isso, Manuel alega entender o protesto, mas que não discordaria da mãe. Se antes, pelos adjetivos utilizados para descrever a Compadecida, víamos uma valorização da figura de Maria em comparação com sua posição aceita pelos dogmas católicos, Manuel, que deveria ser a entidade superior entre os dois, acaba assumindo o lugar de filho obediente que não pode questionar o posicionamento da mãe, como que em uma inversão de papéis na qual Maria assume certo poder sobre Jesus¹⁶. Maria é mãe, tanto da humanidade quanto do Cristo, independentemente se homem ou Deus, e esse posto é reconhecido na peça nordestina, especialmente por representar a visão do povo sobre ela.

No entanto, mesmo com esse reconhecimento de sua importância hierárquica com relação à fé, Suassuna ainda nos apresenta a personagem como mulher humana e, ao contrário do distanciamento exigido pela santidade pregada como dogma religioso, é reconhecida como semelhante aos demais, como vemos na cena em que ela aceita ajudar aqueles que pediam socorro:

A COMPADECIDA Está bem, vou ver o que posso fazer.

JOÃO GRILO, *ao Encourado* Está vendo? Isso aí é gente e gente boa, não é filha de chocadeira não! Gente como eu, pobre, filha de Joaquim e de Ana, casada com um carpinteiro, tudo gente boa.

MANUEL E eu, João? Estou esquecido nesse meio?

¹⁵ Os fariseus eram adeptos estritos da Lei. Seu nome varia de *parush* - ou seja, "separado" do que é impuro ou profano. Eles estavam profundamente preocupados com a Lei mosaica e como cumpri-la, e foram inovadores ao adaptar a lei a novas situações. Acreditavam que a Lei era para todas as pessoas e a democratizaram - até mesmo as leis sacerdotais deviam ser observadas por todos, não apenas pela classe sacerdotal - de modo que eles realmente acreditavam em um sacerdócio de todos os crentes. Sua esperança subjacente era escatológica: no dia em que Israel obedecesse à Torá, o Reino viria. Eles observaram as leis estritamente e formaram um núcleo de Israel obediente. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/biblical-literature/The-Pharisees>. Acesso em 04 de setembro de 2020.

¹⁶ Lembremos que o texto bíblico a coloca em posição inferior a Jesus e a Deus, como quando se declara serva do Senhor – “Disse então Maria: Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra. E o anjo ausentou-se dela” (Lucas 1:38), ou quando seu filho se dirige a ela com distanciamento – “Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora” (Jo 2:4).

JOÃO GRILO Não é o que eu digo, Senhor? A distância entre nós e o Senhor é muito grande. Não é por nada não, mas sua mãe é gente como eu, só que gente muito boa, enquanto que eu não valho nada. (SUASSUNA, 2012, p. 125-126).

O trecho se faz importante por dois motivos: o primeiro, pela definição da Compadecida como “gente”, e; o segundo, pelo afastamento de Jesus. Para João Grilo, Maria é gente como ele, era pobre, teve pais e marido igualmente bons e “humanos”. Ao passo que Manuel estaria distante demais para que pudesse haver uma comparação entre eles. Mais do que homem, ele é Deus. Maria, por sua vez, é tão humana quanto os outros, só que sua bondade a destaca. Essa simples analogia acaba por questionar o que tradicionalmente se tem associado à figura da mãe de Jesus. Enquanto a Igreja a vê como a única digna de ter sido escolhida pelo Senhor para que gerasse seu filho, carregando sua imagem com o ideal de perfeição quase inalcançável, o povo a acolhe como parte dele e a torna intercessora justamente por sua semelhança. Embora Jesus seja, oficialmente, o único intercessor entre homens e o Criador, ele é visto como distinto e afastado; por ser Deus, seu lado profano não é considerado. Com isso, fiéis católicos, como os representados no auto, substituem-no por Maria na função de intercessão. Esse fato ainda é reiterado em outras três passagens, citadas a seguir. A primeira, quando defende os sacerdotes:

A COMPADECIDA [...] É verdade que eles praticaram atos vergonhosos, mas é preciso levar em conta a pobre e triste condição do homem. A carne implica todas essas coisas turvas e mesquinhas. Quase tudo o que eles faziam era por medo. Eu conheço isso, porque convivi com os homens: começam com medo, coitados, e terminam por fazer o que não presta, quase sem querer. É medo.

[...]

MANUEL E é a mim que vocês vêm dizer isso, a mim que morri abandonado até por meu pai!

A COMPADECIDA Era preciso e eu estava a seu lado. Mas não se esqueça da noite no jardim, do medo por que você teve de passar, pobre homem, feito de carne e de sangue, como qualquer outro e, como qualquer outro também, abandonado diante da morte e do sofrimento. (SUASSUNA, 2012, p. 126-127).

A segunda, ao defender a mulher:

ENCOURADO Enganava o marido com todo mundo.

MULHER Porque era maltratada por ele. Logo no começo de nosso casamento, começou a me enganar. A senhora não sabe o que eu passei, porque nunca foi moça pobre casada com homem rico, como eu. Amor com amor se paga.

A COMPADECIDA Eu entendo tudo isso mais do que você pensa. Sei o que as mulheres passam no mundo, se bem que não tenha do que me queixar,

porque meu marido era o que se pode chamar um santo.

ENCOURADO A senhora está falando muito e vê-se perfeitamente sua proteção com esses nojentos, mas nada pôde dizer ainda em favor da mulher do padeiro.

A COMPADECIDA Já aleguei sua condição de mulher, escravizada pelo marido e sem grande possibilidade de se libertar. Que posso alegar ainda em seu favor? (SUASSUNA, 2012, p. 128).

Por fim, na defesa de João Grilo:

A COMPADECIDA João foi um pobre como nós, meu filho. Teve de suportar as maiores dificuldades, numa terra seca e pobre como a nossa. Não o condene, deixe João ir para o purgatório. (SUASSUNA, 2012, p. 132).

O que todas essas citações têm em comum é o fato de que Maria não é apenas retratada como uma defensora que tenta mostrar o lado bom em detrimento do que foi feito de errado pelos personagens, ou que simplesmente tenta justificar o comportamento errôneo. A Compadecida é capaz de defendê-los por poder colocar-se no lugar de todos, já que também conhece a vida e as emoções de cada um. No primeiro trecho, explica que as ações dos personagens se deviam ao medo, o que ela compreendia por ter convivido com os homens. Quando defende João Grilo, a Compadecida põe-se em posição de igualdade aos pobres que têm a vida sofrida como a que ela mesma já teve.

Finalmente, voltando à segunda citação das mencionadas previamente, a qual talvez seja a que mais importe para nossa análise. Embora a Mulher afirme que Maria não entenderia sua situação, a mãe de Jesus rebate a alegação e mostra entender o que as mulheres passam no mundo, mesmo que não tivesse o mesmo tipo de casamento que a personagem. A Compadecida não é apenas mãe e humana, mas mulher como as outras. Ao alegar a condição de “mulher escravizada e sem possibilidade de se libertar” (SUASSUNA, 2012, p. 128) com relação à Mulher do Padeiro, Maria reconhece no comportamento da outra uma tentativa de empoderamento ou vingança do marido e das circunstâncias que a impediam de obter qualquer forma de liberdade por si mesma.

Se o patriarcado e a religião baseada nas leis do Deus homem não aceitam que a Mulher pudesse tanto se empoderar quanto ser salva, Maria destoa desses dogmas e acolhe a personagem por compreender sua posição na sociedade. Se voltarmos às teorias sobre a Deusa, veremos que ela era permissiva em comparação ao Deus judaico-cristão, não a ponto de que tudo fosse aceito, mas havia uma maior liberdade de comportamentos não condenáveis. A Compadecida não é permissiva, entretanto, é capaz de ponderar as ações humanas em comparação com os princípios cristãos que os regiam. Principalmente

por colocar-se em posição análoga aos outros personagens, o que não ocorria na representação de Manuel.

Tal aproximação também nos permite aproximar Mulher e Compadecida na questão do empoderamento feminino, já que nenhuma das duas realmente o obteve em vida. Porém, no caso da mãe de Jesus, seu poder vem justamente pelo próprio sistema de crenças que a subjugava. Ao ser alçada ao âmbito divino, Maria deveria deixar para trás seus aspectos mundanos a fim de que fosse moldada da forma mais idealizada possível, tanto para suprir a necessidade de uma figura materna dos fiéis quanto para manter o controle nas mãos do Deus Pai. Suassuna, por sua vez, devolve a personagem à esfera terrena, assim como Maria faz com Manuel, em uma possível maneira de questionar não a validade do aspecto, mas o que é necessário para que o feminino adquira esse poder

Porém, podemos nos questionar a respeito da real possibilidade de empoderamento feminino na peça analisada. Assim como nas demais, fica evidente que o “empoderamento” apenas ocorre nos moldes permitidos pelos poderes previamente instituídos, àquelas que se fazem merecedoras. Embora Suassuna nos apresente uma versão de Maria mais humana e menos divina, ainda assim foi a mulher digna de ter sido escolhida por Deus para gerar seu filho. Ao iniciar a peça com uma ovação à glória de Nossa Senhora, o autor já nos distancia da personagem, por mais que ela tenha várias similaridades com aqueles pelos quais vem em socorro. Como diz João Grilo, ela poderia ser gente como eles, mas era muito boa. Poderia saber do medo que leva as pessoas a se portarem de forma errada, mas não o fez. Também era possível que conhecesse o que as mulheres passam no mundo, mas não teve as mesmas atividades da esposa do padeiro. No auto, o empoderamento feminino é possível, desde que haja a adequação às normas do patriarcal. Maria é empoderada na peça de Suassuna, não por apenas ser uma mulher como as demais, mas por se destacar nos pontos os quais eram falhos nas demais. Recebeu poder não pelo que era comum a todas, mas por agradar a Deus e ter sido escolhida.

Referências

A12. **História de Nossa Senhora.** Disponível em: <https://www.a12.com/santuاريو/historia-de-nossa-senhora-aparecida-1717>. Acesso em 20 de agosto de 2022.

BARROS, Maria N. A. de. **As deusas, as bruxas e a Igreja.** 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém.** 5 ed. São Paulo: Paulus, 2002.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito, entrevista concedida a Bill Moyers**; Org. por Betty Sue Flowers. São Paulo: Associação Palas Athena, 1990.

JOÃO PAULO II. **Catecismo da Igreja Católica**. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/prima-paginacic_po.html. Acesso em 29 de agosto de 2022.

MARIAL, Academia. **Como surgiu a oração da Ave Maria?** Disponível em: <https://www.a12.com/academia/artigos/como-surgiu-a-oracao-da-ave-maria>. Acesso em 04 de agosto de 2022.

JURKEVICS, Vera I. **Os santos da Igreja e os santos do povo: devoções e manifestações de religiosidade popular**. 2004. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2004.

NERY, Antonio Augusto. **A permanência do Diabo na contemporaneidade**. Revista História Agora, v. 10, p. 84-102, 2011.

PARKER, C. **Religião Popular e Modernização Capitalista: outra lógica na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

VATICANO. **Lumen Gentium**. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em 20 de agosto de 2022.

TAVARES, Bráulio. **Posfácio** In: Auto da Compadecida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

TREVISAN, Armindo. O culto da Virgem Maria no ocidente e sua influência na emancipação feminina. In: **Anais do Congresso de Mariologia: piedade popular, cultura e teologia**, Porto Alegre: Editora PUCRS, 2017. p. 85 – 97.

Virgin Mary – World’s most powerful woman. Disponível em: <https://www.nationalgeographic.com/magazine/2015/12/virgin-mary-worlds-most-powerful-woman/>. Acesso em 06 de agosto de 2022.

WHITMONT, Edward C. **Retorno da Deusa**. 2 ed. São Paulo: Summus, 1991.

Recebido em: 28/10/2022.

Aprovado para publicação em: 10/03/2023.